

O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PELO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB¹

Alisson Clauber Mendes de Alencar

Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Desenvolvimento do Semiárido – UFCG-CDSA
alissonclauber@gmail.com

Resumo

Com a inclusão dos recursos tecnológicos no ambiente escolar, surgem novas possibilidades metodológicas de se conceber o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos educacionais. Assim sendo, é necessária uma formação continuada, direcionada para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que não se esgote apenas em teorias, mas que transcenda os apontamentos contidos nos livros didáticos e estabeleça relações com o mundo vivido e percebido pelos sujeitos que estão manipulando estas ferramentas. Para sua materialização e estruturação, esta investigação teve como procedimentos metodológicos um levantamento bibliográfico, documental e histórico que abordasse de forma pontual a inserção das políticas públicas educacionais destinadas à implementação de recursos tecnológicos e, por conseguinte a inclusão digital nas escolas, juntamente com apontamentos sobre a importância da formação continuada para realização da prática docente do professor de Geografia do ensino médio. E por fim, mas não menos importantes, foram aplicados questionários e entrevistas a professores de Geografia que participaram da formação do ProInfo. Este estudo tem por objetivos: 1) analisar a inserção do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) nas instituições públicas da educação básica; 2) tecer reflexões sobre as possibilidades metodológicas de utilização dos recursos tecnológicos pelos professores de Geografia do ensino médio da rede estadual de educação da cidade de Campina Grande – PB; 3) Avaliar a formação continuada ofertada pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) e sua influência na prática docente do professor de Geografia desta cidade. Os cursos de licenciaturas, tidos como a formação inicial docente aborda de maneira superficial o uso dos recursos tecnológicos nos componentes curriculares direcionados para tal finalidade. Seja por uma formação bacharelesca do professor formador, pela carga horária do componente curricular (reduzida), pela falta de recursos tecnológicos nas Instituições de Ensino Superior ou pela impossibilidade de um acompanhamento efetivo nas atividades e ações propostas pelo professor formador para com seu discente. Para suprir esta lacuna na formação inicial dos profissionais da educação básica, nas instituições públicas de ensino superior, o governo federal, em parcerias com estados e municípios, implantou o Programa Nacional de Inclusão Digital. As inquietações que este estudo vem a promover versam sobre o que foi prescrito e o que está sendo realizado a partir da implantação deste programa no contexto da educação.

Palavras-chave: Geografia; ProInfo; TIC e Formação Continuada.

¹ Recorte da dissertação homônima apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB). Sob a orientação do Prof. Dr.º Antonio Carlos Pinheiro. Na área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente. Linha de Pesquisa: Educação Geográfica. Atualmente estou vinculado a Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Desenvolvimento do Semiárido – UFCG – CDSA, como estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo e estou na condição de Supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – Diversidade, na Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade, zona rural do Município de Sumé – PB.

INTRODUÇÃO

A escolha para pesquisar sobre esta temática surgiu quando estava em sala de aula, onde lecionava o componente curricular de Geografia para estudantes do ensino fundamental II (6º, 7º e 8º anos) e ensino médio (1º, 2º e 3º anos) no turno da tarde, nos anos de 2013 e 2014, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, situada no município de São João do Cariri – PB.

Na presente ocasião, tivemos a oportunidade de participar de formações continuadas, no município de Campina Grande – PB, distante aproximadamente 85 km da escola à qual erámos lotado, para utilização dos recursos tecnológicos presentes na escola, laboratório de informática, e dos que ainda estavam por vir, *netbooks* (para todos os docentes do ensino médio) e *tablets* (para os discentes do 1º ano do ensino médio).

Percebemos que as formações continuadas, das quais participávamos, possuíam um caráter didático, técnico e pedagógico limitado. Os horários eram inoportunos, pois os docentes já havia, no dia das formações, tido uma dupla jornada de trabalho e a noite se deslocavam de suas residências e em muitos casos das próprias escolas para o centro de formação, Núcleo de Tecnologia Educacional de Campina Grande – PB, NTE – CG. Outro ponto que nos chamou atenção durante as formações foram o surgimento de problemas de ordem técnica (conectividade de *netbook* ao *datashow*, configurações básicas de computador, problemas de rede “sinal de *internet*”, entre outros), que os agentes multiplicadores não conseguiam solucionar.

A partir destes apontamentos, angustias e inquietações, resolvemos tentar compreender como funcionam as políticas públicas educacionais direcionadas para inclusão digital nas escolas, tendo como recorte espacial de pesquisa a cidade de Campina Grande – PB e como sujeitos, os professores de Geografia da rede estadual de educação que atuam nas escolas que possuem o ensino médio² e que foram beneficiadas com a inserção de recursos tecnológicos provenientes de programas federais.

De acordo com estes apontamentos iniciais, o presente estudo tem por objetivo central, analisar a inserção do ProInfo nas instituições públicas de educação (que ofertam o ensino médio) da cidade de Campina Grande – PB e avaliar como os professores de Geografia da rede estadual, que atuam nesta etapa da educação básica, estão sendo formados para a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no ambiente escolar.

² A escolha pelas escolas que ofertam o ensino médio ocorreu pelo fato de inicialmente, apenas professores que atuam nesta etapa/nível de ensino serem contemplados com as formações nos Núcleos de Tecnologia Educacional da Paraíba, e após o término do primeiro módulo da capacitação receberem os *tablets* e *netbooks*.

A pesquisa estará norteada na análise qualitativa e quantitativa de informações, onde foram utilizados para coleta de dados questionário e entrevista semiestruturada. Sendo esta fundamentada na perspectiva de Triviños (1987) que cita como característica, deste procedimento metodológico, questionamentos basilares que são ancorados em teorias e proposições que se relacionam ao tema da pesquisa.

Ainda de acordo com as concepções de Triviños (1987, p. 152), este discorre que a entrevista semiestruturada “(...) favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...)”, pois, no processo de coleta de informações o pesquisador se mantém atuante e participativo.

Apresentaremos, também, como procedimentos metodológicos para sua realização um levantamento bibliográfico e históricos que abordem as seguintes temáticas: Políticas Públicas Educacionais; Programa de Inclusão Digital no Brasil; Formação inicial e continuada do Professor de Geografia; ProInfo, recursos tecnológicos e Ensino-aprendizagem de Geografia.

Nossa pesquisa possui como fundamento maior não a identificação das lacunas entre a teoria e a prática efetivada nas políticas públicas voltadas para educação, mas sim a construção de propostas e possibilidades que visem um melhor aproveitamento das formações continuadas, ofertadas pelo Programa Nacional de Tecnologia Educacional, no NTE-CG, pelos professores de Geografia da rede estadual de educação de Campina Grande – PB.

Corroboramos com as concepções de Llano e Adrian (2006), no que atende as formações continuadas dos professores em informática educacional. Os autores destacam que a utilização das tecnologias no ensino necessita de quatro condições: *disposição para aprender, qualidade das jornadas de formação, tempo suficiente* e por último, *recursos disponíveis* para a formação, como também para a prática. Sendo estes pressupostos, as condições mínimas para uma formação docente continuada voltada para o uso das TIC no espaço escolar.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INCLUSÃO DIGITAL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE

Com o advento dos recursos tecnológicos, presenciam-se na contemporaneidade, múltiplas mudanças que marcam a sociedade na atualidade, denominada por estudiosos como Marcondes Filho (1994) Sociedade Tecnológica, Takahashi (2000) de Sociedade da Informação, Castells (2000) de Sociedade em Rede e na perspectiva de Sene (2012) Sociedade do Conhecimento.

A ciência geográfica e, por conseguinte, os ensinamentos de Geografia passaram por significativas alterações. Sejam nos temas abordados ou nos recursos metodológicos e tecnológicos que adentraram na academia e nas instituições de educação básica do país.

Com o desenvolvimento dos recursos técnicos a sociedade sofre transformações estruturantes sejam nos transportes, nas economias e nos setores de comunicações. Sistemas de telecomunicações, redes bancárias e instituições de ensino tiveram que se requalificar para se adequar a rapidez das mudanças que alteraram as formas de trocas, produção e acesso de informações, que em épocas passadas demandavam um tempo considerável.

Se essas transformações atingiram a educação, por conseguinte, a ciência geográfica não ficou alheia a estas mudanças substanciais, do ponto de vista dos recursos técnicos. Assim sendo, surgem questionamentos que merecem ser discutidos e analisados para o enriquecimento teórico e metodológico da Geografia.

Entre estas indagações destacamos: qual a importância destes elementos, que agora foram agregados à Geografia, para o melhoramento desta ciência? O que professores e pesquisadores falam sobre os recursos didáticos e novas tendências utilizadas na pesquisa e no Ensino de Geografia? Tais perguntas devem ser refletidas pelos sujeitos que estão direta e indiretamente relacionados ao ensino de Geografia, seja no âmbito da academia ou no da escola básica.

A sociedade está envolta a constantes mudanças (culturais, sociais, econômicas, políticas entre outras), e dessa forma necessita do professor, não apenas uma formação acadêmica, mas também, a sua progressão seja em cursos de especialização e outras formas de pós-graduação, além dos conhecimentos relacionados ao exercício da docência, sendo estes entendidos a partir das perspectivas da didática.

Assim, é necessária uma formação continuada, que não se esgote apenas em teorias, mas que transcenda as informações contidas nos livros didáticos e estabeleça relações com o mundo vivido e percebido. Esta leitura de mundo, segundo Callai (2000), deve auxiliar o raciocínio espacial do aluno utilizando os conhecimentos científicos como proposta para interpretar a realidade vivida. Porém, destacamos em nossas análises que esta leitura de mundo pode ser mediada com o uso das ferramentas tecnológicas.

A formação continuada tem entre suas metas, criar oportunidades para que os professores ampliem seus conhecimentos, e assim os mantenham constantemente atualizados. Acreditamos na possibilidade do professor em criar suas próprias metodologias e a estas, atribuir medidas que venham a propiciar um melhor aproveitamento dos assuntos que estão sendo discutidos no ambiente escolar.

Os processos educacionais que promovem o ensino/aprendizagem na atualidade vêm sofrendo mudanças extremamente significativas no que diz respeito à inserção dos aparatos técnicos e tecnológicos que estão presentes nas instituições públicas de ensino.

Os estudantes, em sua grande maioria, estão mais que familiarizados com os recursos tecnológicos. Estes elementos (*tablets, notebooks, netbooks*, computadores e celulares modernos) já fazem parte de sua cultura. Os discentes, hoje, estão cada vez mais conectados com a *internet*, e este elemento/fenômeno é percebido em nossa concepção, como um dos fatores primordiais que alicerçam as transformações que estão reorganizando e reconfigurando o princípio de funcionamento das escolas e, por conseguinte das aulas. Na perspectiva de Sacristán (1999, p.20)

A relação de determinação sociedade-cultura-curriculum-prática explica que a atualidade do currículo se veja estimulada nos momentos de mudanças nos sistemas educativos, como reflexo da pressão que a instituição escolar sofre desde diversas frentes, para que adapte seus conteúdos à própria evolução cultural e econômica da sociedade.

As mudanças que estão acontecendo nas escolas são reflexos das mudanças que estão acontecendo na sociedade. Nos dias que se seguem os recursos tecnológicos são as ferramentas, por excelência, da dita sociedade do conhecimento, que segundo Sene (2012) é marcada por uma elevada instrumentalização técnica para a construção do saber. Dicionários e enciclopédias convencionais não estão mais sendo utilizadas com tanta frequência, as pesquisas são realizadas em plataformas virtuais, e os resultados são instantâneos.

A concepção de ensino que há décadas apresentava-se de forma enrijecida, hoje é flexibilizada, pois se antes o professor era o sujeito que possuía autoridade sobre o conhecimento, na contemporaneidade este conhecimento é construído a partir de trocas de experiências embasadas de acordo com fundamentações teóricas sobre determinado tema, conteúdo, conceito ou categoria. Assim sendo, Gadotti (2001, p. 13) discorre que

As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornam-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem de casa acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem à distância (...).

Os sujeitos envolvidos nos processos educativos sabem da importância dos recursos tecnológicos no ambiente escolar, porém, vale destacar que estes são apenas recursos e não podem ser confundidos como a solução para os problemas que envolvem as questões educacionais na atualidade.

As instituições de ensino precisam apresentar situações para que os discentes estabeleçam relações com os recursos tecnológicos e promova o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem munindo-se dos elementos que fazem parte de sua realidade, pois como afirma Lajolo (1996, p.5) “se existem na sociedade, precisam estar presentes na escola”. Logo, pelo fato dos recursos tecnológicos fazerem parte do cotidiano do alunado, seja em sua casa ou em *lan houses*, estas ferramentas podem, também ser utilizadas no espaço escolar.

Presenciamos nos dias que se seguem uma nova revolução tecnológica. Estudiosos estabeleceram a nomenclatura de informacional, Lojkin (1995) e outros pesquisadores, de técnico-científica-informacional, Santos (2006). Porém, qualquer que seja sua definição, o fato é que essa nova revolução tecnológica vem atribuindo profundas mudanças nas relações sociais, na cultura, na política e noutros segmentos sociais. É de se esperar, portanto, que imponha transformações também no sistema educativo. De acordo com as concepções de Correa (2004, p. 2)

A cultura contemporânea passa a ser caracterizada pelo uso crescente de tecnologias digitais, cria-se uma nova relação entre a técnica e a vida social e, ao mesmo tempo, proporciona o surgimento de novas formas de agregação social de maneira espontânea no ambiente virtual, com práticas culturais específicas que constitui a chamada cibercultura.

Vive-se numa sociedade repleta de transformações e no sistema educativo estas transformações também já adentraram em nossas instituições de ensino. O processo de construção do conhecimento, hoje, é coletivo em sua essência. E os discentes sentem a necessidade de produzir e socializar seus conhecimentos. Estamos na época dos compartilhamentos de informações, e estas quando compreendidas e reinterpretadas, transformam-se em conhecimento.

ITINERÁRIO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

Antes de descrever os rumos trilhados para a materialização deste estudo, ressaltamos que toda pesquisa deva partir de elementos, fenômenos e situações que estabeleçam conexões entre o autor/pesquisador com o objeto de estudo. Quando a problemática investigada faz parte do cotidiano e da vida do pesquisador os resultados serão bem mais significativos. Severino (2002) discorre que a escolha do tema de uma pesquisa, bem como sua realização é um ato político e assim sendo, não possui neutralidade³.

³ Ao analisar o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), queremos deixar claro, que este programa, efetivado a partir de uma política pública para inclusão digital nas escolas, possui pontos positivos e pontos negativos que serão apresentados. Sendo esta uma concepção exclusivamente do autor desta pesquisa.

A tríade, **objeto de estudo, sujeitos e espaço da pesquisa** (As políticas públicas para inclusão digital, tendo como foco o ProInfo e a atuação deste programa na formação continuada dos professores de Geografia da rede estadual de educação da cidade de Campina Grande), são familiares a este pesquisador.

Escolhi este **objeto**, estes **sujeitos** e este **espaço** de pesquisa por ter participado das formações ofertadas pelo ProInfo durante dois anos (2013 e 2014), no NTE – CG, até então situado nas dependências da E.E.E.F.M. Hortêncio de Souza Ribeiro, bairro do Catolé. Delimitei como **sujeitos** da pesquisa os professores de Geografia que atuavam no ensino médio (pois inicialmente as formações foram direcionadas para os docentes deste segmento), a coordenadora do NTE-CG e o profissional responsável pela manutenção dos laboratórios de informática das escolas da 3ª, 4ª e 5ª Gerência Regional de Ensino (GRE) da Paraíba. Destacamos que selecionamos apenas as escolas (25 unidades escolares) que ofertam o ensino médio da zona urbana da cidade.

Uma de nossas intenções com a pesquisa é evidenciar e exaltar os procedimentos que tiveram um resultado satisfatório no público alvo, mas queremos apresentar nossa contribuição, no tocante aos aspectos metodológicos que precisam ser repensados para uma melhor eficácia desta importante e necessária formação continuada. Sendo esta na concepção de Nóvoa (1997) pautada em dois pilares: na própria pessoa como agente e na escola como lugar de crescimento profissional permanente. Logo, o professor precisa estar em constante processo de renovação teórico-metodológica.

A ciência é, em sua essência, dinâmica e está sempre em processo de mutação à procura de novos resultados. Nas palavras de Sampaio (2002, p.37) “(...) a ciência está em busca da explicação e do desvelamento de fatores que não estão claros para o conhecimento do senso comum (...)” Porém, para que estes esclarecimentos venham à tona, é indispensável o uso de procedimentos que nos possibilitem alcançar os objetivos desejados.

Trazendo à baila inquietações sobre as concepções qualitativas e quantitativas nas pesquisas envolvendo sujeitos e fenômenos históricos, ressaltamos que para nosso estudo, cada segmento possui seu grau de importância. Pois como afirma Demo (1998, p. 98)

(...) não faz sentido apostar na dicotomia entre quantidade e qualidade, pela razão simples de que não é real. Pode-se, no máximo, priorizar uma ou outra, por qualquer motivo, mas nunca para insinuar que uma se faria a expensas da outra, ou contra a outra. Todo fenômeno qualitativo, pelo fato de ser histórico, existe em contexto também material, temporal, espacial. E todo fenômeno histórico quantitativo, se envolver o ser humano, também contém a dimensão qualitativa. Assim, o reino da pura quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual.

Entendemos que a pesquisa qualitativa mune-se, também, de aspectos quantificáveis, mesmo que estes não se caracterizem delimitados numericamente. Do mesmo modo, a produção a priori e a posteriori de informações quantitativas perpassa, por natureza, uma análise qualitativa.

Igualmente, as informações que podem ser quantificáveis numericamente não correspondem ao fim de determinado estudo, pois são as análises e interpretações dos mesmos que o caracterizam como conhecimento científico. Deixemos claro que as amostras apresentadas no resultado da pesquisa não se atêm apenas á referências numéricas, pois nossa intenção não é privilegiar a quantidade dos casos estudados, mas sim o potencial de cada um deles para promover a compreensão teórica do nosso problema de investigação.

A GEOGRAFIA, OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO E AS TIC

A revolução tecnológica, nomeada por Brasil (2002, p.15) de “(...) revolução da informática” promoveu mudanças radicais no acesso a informação e na produção do conhecimento, que passa a ocupar um lugar central nos processo de desenvolvimento em geral. Logo, não seria exagero afirmar que, nas décadas subsequentes, os sistemas educativos irão se transformar mais rapidamente que noutras.

Entre os múltiplos motivos que travam o desenvolvimento educacional no país, Nunes (2015) destaca um em especial, “O Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI”. Metaforicamente, são três séculos interagindo em um mesmo espaço. Hoje, o desafio não é apenas construir o conhecimento com os discentes, é também, estreitar estas disparidades que são gritantes na contemporaneidade.

A Inclusão Digital é necessária, mas temos que rever nossas concepções, no tocante a utilização do recurso, e acredito que devemos refletir sobre algumas perguntas básicas: quando usar? Como usar? Onde usar? Por que usar? Para que usar? Restringindo a análise no meio escolar, hoje, muitas das instituições públicas, do Estado da Paraíba, possuem laboratórios de informática e recentemente, foram distribuídos *tablets* para os estudantes do ensino médio. Logo, podemos afirmar que as TIC são uma realidade no meio escolar, porém, uma das principais tensões docentes é direcionar o uso destes recursos para fins que venham a ser significativos para o desenvolvimento dos sujeitos que os utilizam, em nosso caso, os estudantes.

Uma questão crucial que é posta para os educadores, no que concerne a implantação desta proposta, dentre tantas outras, está na forma como estes se articulam com os discentes e com as ferramentas tecnológicas na escola e também fora da instituição. É fundamental destacar que não serão os *tablets*, netbooks ou laboratórios de informática que irão resolver os problemas e entraves da educação pública no Brasil, estes são apenas recursos, a figura do professor foi, é e sempre será indispensável no ambiente escolar, logo, é mister que o mesmo busque continuamente qualificações para se conectar com as tendências educacionais.

A Sociedade da Informação ou Sociedade Tecnológica está repleta de modificações e renovações e, estes fatos corroboram para a produção de novas formas de **ser** e **agir** nas escolas. E, a partir destas “imposições” sociais os profissionais da educação precisam estar preparados e qualificados para esta nova realidade, ou fase da educação brasileira.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), no documento expresso por Brasil (2002, p.15) “A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.” Tal prerrogativa, em tese, pressupõe que os docentes já saibam utilizar as TIC, fato que não condiz com a realidade da educação brasileira.

É necessário que no processo de ensino-aprendizagem os docentes de modo geral, e para nosso caso, os de Geografia, atuem na condição de articulador/monitor entre os discentes do ensino médio e as TIC. Cavalcanti (2010) expressa que o professor precisa ser um mediador para o aprendizado e a qualidade desta ação-mediação interfere diretamente nos processos intelectuais, afetivos e sociais do aluno. Ainda sobre o cerne da atuação docente e das políticas públicas para inclusão digital, Sposito e Sposito (2013, p. 320) ressaltam que

Trata-se, agora, de preparar (o discente) para um novo mundo do trabalho. Não mais preparar o jovem tecnicamente, mas valorizar a sua capacitação tecnológica, atualizando o Ensino Médio aos ajustes ocorridos nos sistemas produtivos em nível internacional, isto é, não se trata mais de criar trabalhadores que operam máquinas, mas profissionais que dominem linguagens e tecnologias associadas à Revolução Informacional em curso.

De acordo com o entendimento de Pretto (1996, p. 98), este evidencia que “A sociedade, ainda meio perplexa com os avanços do mundo tecnológico e da comunicação, começa a apresentar sinais de incorporação, aceitação e até intimidade com os novos procedimentos desta nova era.” Sejam em agências bancárias, em supermercados e até nas escolas, os recursos tecnológico estão chegando e sendo incorporados às práticas cotidianas das pessoas.

Independente do setor onde as TIC estejam sendo implantadas é imprescindível, ainda, profissionais qualificados para o manuseio/operação das mesmas. Destacamos que, mesmo sendo uma realidade, a inserção destes recursos nos mais variados setores da sociedade não solucionam os problemas que estão no centro dos segmentos. E, no caso da educação, concordamos com as proposições de Prates *et al* (2015, p. 16) quando afirma que

As tecnologias, no ambiente escolar, não vieram para resolver todos os problemas relativos ao ensino e a aprendizagem (...). Assim, diante da realidade global, em que as diversas tecnologias estão presentes no cotidiano, torna-se indispensável inserir tais ferramentas no trabalho didático-pedagógico e buscar aliar aos conteúdos as ferramentas tecnológicas disponíveis, no intuito de proporcionar um ensinar e aprender inovador e dinâmico, através de um contexto (...).

Percebe-se constantemente, nos meios de comunicação que atingem grandes públicos (mídia televisiva e redes sociais), um “endeusamento” dos recursos tecnológicos, relegando ao docente um papel de coadjuvante na construção do conhecimento. Kenski (2002) denuncia que o mérito de ensinar na sociedade contemporânea, para certa lógica publicitária, é delegado à utilização plena de programas eletrônicos, com muitos recursos tecnológicos e que não dependem mais da intervenção do docente. O professor precisa estar ciente que em sua função na escola, foram acrescidas demandas que requer deste profissional, sensibilidade e atenção redobrados. Sob tal perspectiva Di Maio e Setzer (2011, p. 223) ressaltam que

(...) o papel do professor se altera na sociedade digital, e em certos sentidos se amplia. O professor é peça-chave na promoção do conhecimento e na integração de estudantes de diferentes culturas, idiomas e realidade social, quando trata, por um lado, com alunos que têm acesso ilimitado aos mais avançados equipamentos e tecnologias e, por outro, com os que dependem exclusivamente do espaço escolar para tal acesso.

Sejamos conscientes que, ao se proferir o discurso que aponta as TIC como aliadas, basilares no processo de construção do conhecimento no espaço escolar, e mesmo com a implantação de políticas públicas direcionadas para inclusão digital, em sintonia com tal prerrogativa, somos sabedores que a efetivação das propostas teóricas, encravadas nos documentos do Proinfo, na prática ainda não foram materializadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto educacional, por qual passa o Brasil, faz-se necessário se rever as práticas educativas que são desenvolvidas nas escolas, e conseqüentemente as implicações destas para a formação de indivíduos mais conscientes de suas ações. Logo, é mister uma reconfiguração nas concepções que norteiam as diretrizes postas para escola, no que concernem a introdução dos recursos tecnológicos no ambiente escolar.

O Ensino de Geografia passou nas últimas décadas por significativas transformações. Assim como a educação discutiu e fez uso de diferentes métodos de ensino e de políticas públicas. São muitos os questionamentos que surgem sobre as transformações sofridas pela escola, e dentre estas indagações tivemos por intuito com este estudo discutir qual a importância das políticas públicas direcionadas para inclusão digital e suas implicações para o ensino de geografia na educação básica, através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), bem como tecer reflexões sobre a formação inicial e continuada do professor de Geografia da cidade de Campina Grande – PB.

Acreditamos na possibilidade das políticas públicas, que atentam sobre a inserção dos recursos tecnológicos, potencializarem práticas pedagógicas que transcenda as formas tradicionalistas de se ministrar aula. Porém, para que tal ação ocorra, é necessário que juntamente com as entradas dos recursos tecnológicos nas escolas, venham pacotes de formações continuadas direcionadas para os professores, pois são estes os sujeitos que estão na linha de frente do processo educacional.

Destacamos ainda que, não adianta inovar o processo educativo com a inserção de recursos tecnológicos, se a didática docente permanecer reacionária. Fazem-se necessárias mudanças de posturas frente às novas demandas emanadas da sociedade e que adentraram o espaço escolar.

Sabe-se que o ensino de Geografia ficou marcado historicamente por metodologias que pregavam práticas pedagógicas pautadas na memorização de nomes de rios, cidades, países. E nos dias que se seguem, com a inserção das TIC nas escolas públicas, mesmo com tantos problemas a serem enfrentados, tem-se a possibilidade de mudança e de novas perspectivas, não apenas com os recursos tecnológicos, mas também, a partir de outras metodologias que não necessariamente envolvam as TIC. Estas, em nossa perspectiva são consideradas apenas recursos, logo, é necessário um profissional qualificado para seu manuseio de forma plena e direcionado para seus propósitos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
- CALLAI, Helena. Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16ªed. Campinas: Papirus, 2010.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. **Comunidades Virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. Universia Brasil, 2004.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Revista Latino Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.

DI MAIO, Angelica C.; SETZER, Alberto W. **Educação, Geografia e o desafio de novas tecnologias**. Revista Portuguesa de Educação. vol. 24, núm. 2, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. In: Educação: novos caminhos em um novo milênio. 2. ed. João Pessoa, editora: autor associado, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. O papel do professor na sociedade digital. In: A. D. Castro & A. M. P. Carvalho (Org.). **Ensinar a ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning, 2002.

LAJOLO, Marisa . **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. In: Em aberto. INEP, 1996.

LLANO, J. G.; ADRIÁN, M. **A informática educativa na escola**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 1995.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1997.

NUNES, César. **Sistema Brasileiro de Educação e o Terceiro Milênio**. Congresso Conhecer. – ES, 2015.

PRATES, Maria C. F., *et al.* **PROINFO: uma crítica ao uso das tecnologias no ensino da Geografia**. Revista Geosaberes. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 10 - 27, 2015.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Ed. 4. São Paulo: Papirus, 1996.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SENE, José Eustáquio de. **A sociedade do conhecimento e as reformas educacionais**. In: GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 2, n. 1, p. 129-143, jan./jun., 2012.

SEVERINO, Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. São Paulo – SP. Cortez, 2002.

SPOSITO Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO Eliseu Savério. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Geografia**. MEC, Brasília, 2013.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da Informação no Brasil**. Brasília DF: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.